



PONTE SOBRE UMA CACHOEIRA DO RIO MADEIRA, NO AMAZONAS

## A LENDA DA NOITE

A nossa gravura representa uma ponte improvisada sobre uma das muitas cachoeiras que se encontram no magestoso rio Amazonas e seus afluentes. Cachoeira quer dizer queda d'água, espectáculo imponente e formoso, que nunca mais esqueça do europeu que o presenciar.

A provincia do Amazonas, situada ao norte do Brazil, pela sua vastidão é como que um mundo. Allí tudo é grande: as florestas, os rios, a vegetação! O nosso bom amigo e distincto collaborador Sanches de Frias, está concluindo um precioso livro, que intitula *Uma viagem ao Amazonas*; com o consentimento do seu auctor, d'elle extrahimos o seguinte fragmento, em que uma india conta a dois viajantes a *lenda da noite*:

Quando a india ia a pegar na bandeja para se retirar, recuou subitamente, ficando a tremer, encostada a uma cadeira.

— O que é isso, boa mulher? senti alguma coisa? — acudiu Mascarenhas, segurando-a.

— Ai *senhô* nosso!

— Mas o que tem? Falle.

— Uma *Machinta Pêreira*! Branco não ouviu? E o *Rasga-mortalha*, Deus *senhô*! Escute, meu branco.

N'isto ouviram-se distinctamente sobre o telhado uns estalos, como de thesoura surda, seguidos do som que produz o rasgar de um panno engommado.

— Vem *buscá arma di branco*, que morreu.

— São aves nocturnas, não é assim? — perguntou Mascarenhas a Paulo.

— São, e até muito vulgares. No entanto dão, ainda mais do que as corujas, motivo a superstições e terrores. Da *Matinta-pereira* contam-se extravagancias, que não vale a pena mencionar; a *Rasga-mortalha*, em verdade mais caracteristica no piar que a coruja, annuncia morte proxima, como esta.

— Não tenha medo, mulhersinha; são aves da noite.

— A noite... a noite! — resmoneava a india pasmoticamente. — *Pra que noite?... lupirungáua ramé intimahá pituna!*

— O que diz vossemecê?

— Pédoa, branco. Eu não gosta *di* noite. Quando mundo começou não havia noite.

— Não havia... Ora conte-nos isso. Sente-se aqui.

— Ao pé *di* branco?

— Sim, ao pé de nós.

— India é velha...

— Pois por isso... vamos... sente-se. Os passaros já lá vão. Então no principio do mundo não havia noite?

— E não... diz a historia dos meus *parente*. As *palavra* que branco disse são em minha lingua: — *lupirangáua ramé intimahá pituna. Pituna é noite.*

— Muito bem. Ora continue.

E a india contou a seguinte lenda, que damos composta em linguagem mais correctea.

«No principio, todo o tempo era dia; não havia noite, que estava a dormir no fundo das aguas. Também não havia animaes; todas as cousas fallavam.

«A filha de *Cobra Grande* casara-se. O marido, que tinha tres criados fieis, chamou-os um dia, e disse-lhes: — Ide passeiar, que minha mulher não quer deitar-se. Depois da sahida dos famulos, chamou-a para dormir.

— Ainda não é noite — respondeu ella.

— Não existe a noite; só ha dia.

— Meu pae tem-na. Se queres que me deite manda lá busca-a pelo grande rio.

«Chamaram-se novamente os tres criados. A moça mandou-os buscar a casa de seu pae um caroco da *tucumã*.

«Chegados a casa de *Cobra Grande*, entregou-lhes este o caroco bem fechado, dizendo:

— Aqui o tendes; leve-o. Cautella porém! Se o abridres, tudo se perderá.

«Foram-se os criados, que oviam pelo caminho uns sons dentro do côco de *tucumã*, assim: ten... ten... ten... xi... i... i... i...

N'este ponto a india imitava o zumbido de varios insectos noctivagos.

«Era o canto — continuou depois — dos grilos e dos sapinhos, que cantam de noite.

«Já longe, disse um dos famulos aos companheiros: — Vamos nós ver o que é isto?

«O que servia de piloto respondeu: — Não; do contrario, estariamos perdidos. Eia! rema! rema!

«Continuaram sempre a ouvir os mesmos sons dentro do caroco.

«Ardendo em desejos de saber o que era, já muito longe, reuniram-se a meio da canoã, accenderam lume, derreteram o breu, que lacrava o côco, e abriram-no.

«De repente escureceu tudo.

«O piloto affirmava que estavam perdidos, e que a sua ama já a essas horas devia saber que tinham violado o segredo.

«A viagem continuou, apesar de tudo.

«A este tempo, dizia a mulher ao marido:

— Elles soltaram a noite. Esperemos a manhã.

«Todas as cousas espalhadas pelo bosque, se transformaram em passaros e animaes; as do rio em patos e peixes. Do paneiro gerou-se a onça; da cabeça de um pescador formou-se a cabeça e o bico do pato, da canoã o corpo, dos remos as pernas.

«A filha de *Cobra Grande*, quando viu a estrella d'alva, fallou assim ao marido:

— Vem rompendo a madrugada. Vou dividir a noite do dia.

«Enrolou um fio, e disse: — Tu serás *cujubim*.

«Appareceu um passaro, a que ella pintou a cabeça de branco, com *tabatinga*, as pernas de vermelho, com *urucu*, dizendo ainda: — Cantarás por todo o sempre, ao raiar da madrugada.

«Enrolou novamente o fio, passou-o por cinza, e exclamou: — Tu serás *inambú*, para cantar durante a noite e na alvorada.

«Desde então, os passaros cantam a seu

tempo e á madrugada para alegrar o principio do dia.

«Quando os famulos chegaram, disse-lhes o amo:

— Fostes infieis, abrindo o carço de *tucumã*. Soltou-se a noite, e tudo se perdeu; mas vós, que estaes transformados em macacos, andareis eternamente aos saltos pelos galhos das arvores.

«A bocca preta e a risca amarella, que os macacos têm no braço, é o signal do breu, que fechava o carço, e que escorreu sobre os infieis, ao derreter-se.»

SANCHES DE FRIAS.



### OS DOIS TOUROS

Presencear touradas (não vos mintó)  
Desperta na creança um bruto instincto.

Um touro que tres viagens  
Fizera á praça, matreiro,  
Conversava nas pastagens  
Com outro, seu companheiro.

E dizia-lhe : — Meu mano,  
Já foste á praça dos touros,  
Onde o homem, deshumano,  
Nos mette farpas nos couros ?

— Nunca entrei em taes assados ;  
Mas coisa é por mim sabida,  
Que vou ser dos apartados  
Para a proxima corrida.

— Olha : Ao sahires do curro  
Procura todos a eito ;  
Raspa no chão, dá um urro,  
E marra a torto e a direito.

Ao cavalleiro, á bruta,  
Investe até desmortal-o...  
Mas poupa sempre na lucha  
Ao innocente cavallo.

Com os homens de forçado  
Sé clemente, e não chibante...  
Pois deve ser perdoado  
Quem pecca por ignorante.

Este touro, nas touradas,  
Julgava os homens patifes :  
— Tinha idéas illustradas,  
Mais bellas do que os seus *beefs*.

## AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

### CAPITULO XIX

A PRESSÃO DO AR EXTERIOR  
E A PRESSÃO DA MENINA «ISTO INCOMMODA-ME»

O sr. de Beaucourt sorriu ao ouvir a desculpa de Paulo, e interveiu, dizendo:

— Uma vez que a menina Susana declara que percebeu a explicação, devemos acreditar-a; não é assim, minha filha?

— De certo, avôsinho; e agora só espero que me expliquem a manobra dos bombeiros.

— Tens razão; — acudiu Paulo — ia-me esquecendo do nosso ponto de partida. Em primeiro lugar, porque é que os valentes bombeiros molharam o lençol que lhe deram? porque a agua tapa todos os intervallos do tecido, e não deixa passar o ar, evitando ao mesmo tempo, pela humidade que contém, que o fogo se lhe communique. Depois de bem esticado diante da abertura do fogão, o pano não deixa entrar o ar na chaminé.

— É uma especie de parede.

— Mas uma parede elastica, porque, como tu viste, o bombeiro pôde metter o lençol pelo tubo do fogão e retirar-o rapidamente.

— E foi então que cahiu o lume da chaminé. Mas porque cahiu o lume?

— Porque o bombeiro, com aquelle movimento, estabelecera o vácuo na chaminé.

— O vácuo? — repetiu a Susaninha, sem entender. — O que é o vácuo?

— Nunca experimentaste tomar a respiração com força, chegando á bocca um calice ou o gargalo d'um frasco?

— Já.

— Então, com certeza o calice ou o frasco te ficou agarrado aos beiços, e a razão foi teres-lhe extrahido o ar, sem o saberes.

— Mas como?

— Aspirando ou engulindo o ar contido no frasco, de certo o deixaste vazio, pois não é verdade?

— Sim, sim... Tirei-lhe o ar. Mas porque se pegou o frasco aos meus beiços?

— Por causa do peso do ar que nos rodeia.

— Declaro francamente que não percebo nada. Então o ar que nos rodeia tem algum peso?

— É até muito pesado! A camada de ar que rodeia a terra, e a que nós chamamos atmosphera, tem a espessura de oitenta kilometros, e pesa sobre o teu pequenino corpo cerca de seis mil kilogrammas.

— Que dizes tu?! — exclamou a Susaninha assustada. — Pois eu tenho ás costas seis mil kilogrammas?... e não estou esmagada?!

— É que não é sómente sobre as costas que supportas tamanho peso, mas sobre todo o teu corpo, o qual é comprimido em todos os sentidos, por dentro e por fóra, por esse mesmo

peso; e é por esse motivo que tu não sentes a grande pressão.

— É essa pressão serve para alguma coisa?

— Certamente; porque se o ar se esquecesse, sequer um segundo, de exercer essa pressão, o sangue sahir-nos-hia por todos os poros.

— Ora essa! — exclamou a pequenita com um espanto em que havia tambem um bocado de incredulidade.

— Posso facilmente convencer-te.

— Como?

— Apoia os labios sobre as costas da tua mãozinha, e aspira.

A Susaninha lançou ás furtadellas um olhar á sua mamã e ao avôsinho, para observar se estavam a rir-se, e depois executou a operação que o mano Paulo lhe indicara.

— Prompto! vê agora — disse-lhe o irmão,

beleceu-se um vácuo momentaneo no tubo, e o ar que estava na abertura superior, lá em cima no telhado, precipitou-se logo no tubo, para occupar o logar que ficara vazio; e como se precipitou violentamente, arrastou consigo a ferrugem incendiada. Percebes isto?

— Quasi.

— Quasi?! —

— Sim; comprehendi que o ar que estava na embocadura da chaminé foi aspirado pelo tubo, e que desapareceu a ferrugem; mas porque foi aspirado?

— Oh! parece-me que a menina Susana pergunta de mais! — observou sorrindo a mamã.

— Está no seu direito — acudiu o avô. —

O Paulo que se arranje como puder.

Paulo esboçou um sorriso, e continuou com a maior benevolencia:



—Uma rodella vermelha

pegando-lhe na mãozinha, que se soltou dos labios produzindo um ruído secco. — Que vês?

— Uma rodella vermelha.

— Essa vermelhidão é produzida pelo sangue que foi chamado á superficie da pelle, porque tu fizeste o mesmo que o tal frasco de que fallamos ha pouco. Quando applicaste os labios á tua mãozinha, o ar que tinhas na bocca exerceu uma certa pressão sobre a pelle; mas logo que aspiraste esse ar, recolheu-se elle aos pulmões; ora, não havendo ar nenhum na superficie da mão, o sangue appareceu allí immediatamente.

Se continuasses a aspirar por muito tempo, no mesmo sitio, verias apparecer algumas gotas de sangue. Mas essa experiencia é inutil e perigosa — acrescentou vivamente Paulo, vendo que a sua manasinha se dispunha a chupar na mão.

— Fiz então o vacuo — disse ella — mas como é que o bombeiro o produziu?

— O lençol molhado fez, por assim dizer, o que fizeram os teus beicinhos. Ao retirarem-no do tubo do fogão, onde o tinham introduzido, aspirou o ar que lá estava; d'esse modo, esta-

— É o proprio peso do ar que lhe permite, e até o obriga, a introduzir-se em toda a parte. O ar encontra-se em nós mesmos, nas plantas, na terra, em todos os objectos que nos rodeiam. Ora, quando se consegue fazer o vácuo — n'outros termos: quando se consegue tirar de determinado sitio o ar que lá estava, immediatamente um outro ar vae a toda a pressa substitui-o. Se aspirares n'um canudo aberto pelos dois lados, fazes o vácuo, é certo, mas não dás por isso, porque, á medida que chupas por um lado o ar contido no canudo, o ar exterior vae entrando pelo outro lado...

— Como na chaminé — interrompeu a Susaninha, para mostrar que entendia.

— Perfeitamente! Para conheceres que se fez o vácuo, é necessario tapar uma das boccas do canudo; e então, quando tiveres aspirado todo o ar, o canudo, ou o frasco, fica-te pegado aos beicos, prova de que já não contém nenhum ar.

— Vou percebendo.

— O ar exterior exerce a sua pressão sobre o frasco, mas só pelo lado de fóra; antes, porém, quando continha o ar que tu lhe ex-



... para satisfazeres o teu desejo, saltas para o lado de lá, e empurras tambem a porta

trahiste, esse ar exercia tambem pressão pelo lado de dentro. As duas pressões, a interior e a exterior, equilibravam-se, de modo que o frasco conservava-se indifferente a essas duas forças. Mas logo que desapareça uma d'essas pressões, o caso muda de figura. De facto, tu aspiras o ar interior do frasco, e desde então essa pressão desaparece, e instantaneamente se faz sentir a outra. O peso do ar exterior envolve o frasco e empurra-o contra os teus labios, segurando-o alli, como eu poderia fazer com a mão.

— Olha, Susana — interviu o avô — occur-me uma comparação, que te deve dar uma

idéa exacta das pressões de que o Paulo acaba de fallar-te.

— Então diga lá, avôsinho.

— Ora imagina que estava aqui a tua amiga, a menina «Isto incommoda-me»; e que, ao passo que tu desejavas conservar aberta aquella porta, ella, pelo contrario, queria fechal-a. Então, a menina «Isto incommoda-me» vae para fechar a porta; mas tu, para satisfazeres o teu desejo, saltas para o lado de lá, e empurras tambem a porta; cada uma empurra do seu lado, e como têm ambas a mesma força, a porta recebe uma pressão igual, pela frente e por detraz, o

que não a incommoda mesmo nada. Mas, de repente, tu retiras-te...

— Faço o vácuo? — aventurou Susana.

— Muito bem, muito bem! — exclamou o avô. — Tu retiras-te, a tua pressão deixa de existir, fica só a da menina «Isto incommoda-me», por isso, a porta cede ao impulso e fecha-se.

— Foi, portanto, a menina «Isto incommoda-me» que fez o papel de ar exterior! — disse com toda a segurança a Susaninha.

D'esta vez não havia que duvidar que a intelligente menina comprehendera perfeitamente as explicações do mano Paulo e a comparação do avôsinho.

Todos a beijaram muito satisfeitos.

(Continúa.)

### PROVERBIO

Inda o sol do seu palácio  
Não abriu a regia porta,  
Já Luiz corre p'ra a horta,  
Alegre, vivo e contente;  
E a gente, ao vel-o tão cedo  
Saltando lesto o tapizo,  
Diz de si para comsigo:  
— Que rapaz tão diligente!

Alfredo, um moço prosaico,  
Não gosta, não se enamora  
Das roxas brumas da aurora,  
Do canto dos rouxinões;  
E, se bem que madrugara  
Sempre ao deitar-se promete,  
Ouve as seis horas e as sete  
Mettido em val' de lençãos.

Mas, uma vez levantado,  
O amor do estudo protege-o,  
E quando chega ao collegio  
Sempre á lição satisfaz.  
Em quanto assim do bom senso  
Alfredo segue os dictames,  
E já venceu tres exames,  
Luiz, vejamos, que faz?

Luiz, que tanto madrugara,  
Levanta-se áquellas horas  
P'ra ir dar caça ás amoras  
Que ha na amoreira da horta...  
Por isso ha mezes repete,  
E não mais se desemburra:  
*B a ba fugiu a burra,*  
Sem passar da cepa torta!

.....  
Lembra um dictado vulgar  
Ao ver Luiz mais Alfredo:  
*Nem por muito madrugara*  
*E que amanhece mais cedo...*

D. MARIA DO Ó.

### THESOURO PATERNAL

Eram dois esposos que se amavam ternamente.

O ceu abençoou tanto amor, dando-lhes dois filhos robustos e formosos, a tal ponto que eram não só a gloria e felicidade dos paes, mas a admiração de todos que viam essas duas creanças, bellas, vivas, graciosas, ora cercando os paes de caricias, subindo-lhes aos joelhos e cobrindo-os de beijos, ora alegres e saltitantes pelas salas e jardins, enchendo tudo com o seu palrar de satisfação e felicidade, como avezinhas queridas d'aquelle paraizo.

Iam crescendo e cada vez mais fortes e sempre sadias.

Era para ver com que enlevo a mãe as vestia e enfeitava para nos domingos as levar á Igreja, e com que satisfação ella ouvia e as duas creanças recitavam as pequenas e formosas orações que lá no templo, ajoelhadas, de mãosinhas postas, junto de sua mãe, haviam de dizer!

Que encanto! Que anjos!

Era um domingo; a mãe, para comsigo e com o pae os levar á Igreja, pois que é indispensavel nos corações tenros das creanças ir radicando o sentimento religioso, tão innato ao homem, tão querido á creança, e unica base de sã educação, a mãe, diziamos, preparava aquelles seus amorsinhos, quando o pae vem e diz que precisando de ir ter com um amigo antes da missa, sahia já e que lá na Igreja os esperaria.

Sahiu, viu e esteve com o amigo, entrou na Igreja, occupou o logar do costume, e já ficou admirado de lá não encontrar a esposa e os filhos.

Começou o sacrificio e elles não tinham apparecido, o que augmentou o cuidado d'aquelle pae extremoso.

Chegou ao meio o santo sacrificio, Deus appareceu nas mãos do sacerdote para abençoar o seu povo, e a mãe e os filhinhos sem virem.

Imagine-se que anciedade se apossou do espirito do pobre pae, que, apenas acabada a Missa, sahio immediatamente da Igreja e a toda a pressa tomou o caminho de sua casa, com o coração enegrecido com o presentimento de grande e tristissimo successo.

Chegou a casa afflictissimo.

Na primeira sala esperava-o a esposa, pallida mas tranquilla. As primeiras perguntas anciosissimas do marido da sua alma, ella interrompe-o e pede a maior attenção.

— Escuta, e socega teu attribulado coração, — lhe diz ella, procurando tranquillisar o marido com as fórmãs da narração. Tenho que pedir-te perdão de haver commettido talvez uma grande falta. Tive um grande segredo e não t'o revelei logo, como é da inteira obrigação da esposa, que não deve ter segredos para seu marido; mas eu não pude resistir á pessoa que me pediu instantemente. Vieram ter comsigo e confiaram-me um thesouro riquissimo, de inestimavel valor, pedindo-me o maior segredo, absoluto segredo, e eu acquiesci sem tua licença, guardei sem tua licença e sem ella hoje, hoje,



ha pouco, o restitui, porque me vieram pedir a sua restituição. Dize-me, oh! dize-me, esposo de minha alma, pratiquei bem em fazer tal restituição?

— Sem duvida alguma, respondeu elle, e restituindo não fizeste senão o teu dever, a mais leve duvida seria indigna de ti e de mim.

— Pois bem, vem cá, lhe diz ella, tomando-lhe a mão e levando-o consigo á camara e ao thalamo nupcial, cujas cortinas descerra, e, apondo para os filhinhos, um junto do outro, mas hirtos e mortos, exclama: Eis o thesouro de nossas almas, da nossa vida, da nossa ventura! Deus nol-o tinha confiado e Deus veiu hoje e pediu-nos a sua restituição. Que devia eu, que devemos nós fazer?

— Curvar a cabeça e obedecer, respondeu o pae, obedecer, porque Deus, assim como os tinha dado, os podia tirar. *Seja elle bendito*, exclama, tomando a mão da esposa e com elle fazendo-a ajoelhar junto d'aquelle altar, em que estavam as duas victimas tão queridas, que a morte, um garrotinho repentino que logo as prostrara sem vida, que a morte nunca, nunca, foi capaz de arrancar do intimo das almas d'aquelles paes os mais extremos, embora christãos os mais resignados.

SILVA FIGUEIRA.

## GEOGRAPHIA

### ALLEMANHA

Corria o anno de 1871, quando, sob a influencia da Prussia, se constituiu o *Imperio d'Allemanha*. Reinos e Principados, Gram-Ducados e Ducados, são os elementos que, com as cidades livres e hanseaticas e o governo da Alsacia-Lorena, formam o moderno imperio allemão, de que nos vamos hoje occupar, proseguindo assim no cumprimento da missão que nos impozemos — apresentar aos jovens leitores do *Jornal da Infancia* o esboço geographico de diferentes paizes.

A Allemanha é uma vasta região que occupa a parte central da Europa, estendendo-se desde os Paizes Baixos, a Belgica e a França até á Russia e ao Imperio Austro-Hungaro, e desde a Dinamarca até á Italia e á Suissa.

A parte Sul da Allemanha é muito montanhosa, encontrando-se alli valles risonhos.

O Norte offerece extensas planicies, umas ferteis, outras arenosas, e o clima é frio e humido.

Os rios principaes que correm na região a que hoje dirigimos as nossas attentões são: o Oder, o Vistula, o Niemen, o Eider, o Elba, o Weser, o Ems, o Rhen e o Danubio.

Entre os lagos, notaremos: ao Norte, o Murriz, que se perde no Elba, e ao Sul o Chiem, o Würm, o Ammer e o de Constança, denominado pelos allemães — Boden-see.

O solo da Allemanha é geralmente fertil e bem cultivado. A fórma de governo é a monarchia constitucional; a instrucção publica, o commercio e a industria têm atingido um alto grau de desenvolvimento. A extensão das linhas ferreas

é de 27:000 kilometros. As religiões seguidas no imperio allemão são diversissimas. Ao Sul predomina a religião catholica, professada por cerca de 15.000:000 d'individuos: ao Norte a religião mais seguida é a protestante, que conta 25.000:000 d'adeptos: os dissidentes e os israelitas sobem a 1.500:000 †.

A população da Allemanha eleva-se actualmente a 40.000:000 de habitantes.

As cidades mais importantes são: Berlim, a capital da Prussia, um dos reinos que constitue o novo imperio allemão e que é o mais importante, por isso que é a elle que pertence a direcção geral d'Allemanha.

É edificada n'uma planicie, cortada por ruas largas e bem alinhadas e tem uma magnifica praça denominada *Lustgarten*. Os edificios mais notaveis são: o palacio real, o da universidade e o arsenal, que é reputado como o mais vasto da Europa. Berlim tem um milhão d'habitantes.

Witteberg, sobre o Elba, é notavel por ser a patria do astronomo Kepler, e porque foi ali que Luthero começou a expôr as suas opiniões religiosas.

Colonia, em allemão Kœln, sobre o Rhen, tem 130:000 habitantes. Torna-se notavel pelas suas edificações, em que predomina o estylo gothico: entre ellas tem o primeiro logar a cathedral. O insigne pintor Rubens, cuja patria é Siegen, habitou durante muitos annos em Colonia.

Hannover, occupa uma planicie e tem 88:000 almas. O distincto astronomo Herschel era natural d'esta cidade.

Frankfort, patria do notavel poeta Goethe; tem 90:000 habitantes.

Hamburgo, notavel pelo seu commercio. Mayença, patria de Guttemberg, inventor da imprensa. Tem 54:000 habitantes.

Munich, tem numerosos e importantes edificios e uma bibliotheca com 800:000 volumes.

Leipzig, notavel pelo seu commercio, especialmente de livros; possui uma universidade importante e tem 107:000 habitantes. É a patria do distincto philosopho Godofredo Leibnitz. Ricardo Wagner, o celebre auctor do *Lohengrin*, era natural de Leipzig.

JOSÉ PESSANHA.

## ELISA

(A SEU PAE)

És linda, és innocente! Adoro-te, creança!  
Tens o perfeito andar da timida gazella.  
Teu corpo delicado é feito d'uma rosa  
E o seio virginal — das castas açucenas!  
A luz do meigo olhar formou-se d'uma estrella,  
Perfuma-te o cabello o aroma das verbenas!  
Ó creação divina, ó perola mimosa,  
A tua alma dourada e o coração amante  
Creou-ou uma aurora extranha e deslumbrante!...  
És linda, és innocente! Adoro-te, creança!

Cuba, abril de 1883.

MATHEUS PERES.

† É Cortambert, no seu *Cours de Géographie*, quem nós seguimos n'estes dados estatísticos.

## HORAS ENTRETIDAS

15 — CHARADA NOVISSIMA

Planta que não vê é fructa — 1 — 2

16 — CHARADA NOVISSIMA

Aqui, alli, esta planta serve para os barcos — 1 — 1 — 2

AZOQUE.

17 — CHARADA NOVISSIMA

Este parocho na musica está sarado — 2, 1.

18 — PAI AVRA'S QUADRADAS

Sendo pouco vulgar,  
É sempre conjunção;  
Ao poeta é precisa;  
Domina o coração.

APRENDIZ.

19 — CHARADA

Sou do mar um vegetal, } 2  
Alimento á terra dou, }  
E de mim o Universo } 2  
Ha quem diga se formou. }  
O meu todo reunido  
É no v'rao appetido.

TITERE.

20 — PERGUNTAS INNOCENTES

Qual é a cidade que com til é fructo?  
Qual é o racional que canta de baixo d'agua?  
Quaes são as duas côres que formam uma côr só?

ALICE.

21 — ADIVINHAÇÃO

Apesar dos bons serviços que te presto, voltas me  
sempre as costas!

22 — ADIVINHAÇÃO

N'uma casa ha quatro cantos; em cada canto, um  
gato; diante de cada gato, tres gatos; sobre o rabo de  
cada gato, um gato; digam agora os meninos quantos  
eram os gatos.

23 — PALAVRAS EM CRUZ

C. N. D. T. B. V. A. A. A. E. C. I.  
Servindo o N. para as duas.

AZOQUE.

24 — ENIGMA

[NHA]

FANTOCHE.

28 — EMBRULHADA ANAGRAMMATICA

(A NINGUEM)

A	Q	U	I
G	A	T	O
R	E	A	L
E	R	I	L

Com as letras d'este quadro,  
Meu leitor, toma sentido,  
Deves tu formar depressa,  
Um proverbio conhecido.

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.

## ALEGRIAS

Joãosinho, com as noticias da familia ausente,  
recebera tambem o retrato da irmã, mostrando  
verdadeiro contentamento.

— Que edade tem a mana? — perguntou uma  
senhora, ao gabar a figura gentil de Ritinha.

— Scis annos.

— Mas... isso já o menino me disse, em 1880,  
logo que chegou a Lisboa — reflexionou outra  
senhora.

— É que a mamã ainda me não mandou dizer  
que ella tornou a fazer annos!! — respondeu o  
pequeno, muito senhor de si.

Passeavam dois pequenitos pelo campo, quando  
viram a pastar duas vaccas, uma preta e outra  
branca.

— Vês aquellas vaccas? disse o mais velhinho  
ao outro.

— Vejo.

— Sabes porque uma é preta e a outra branca?  
O pequenito pôz-se a pensar, e depois res-

pondeu:

— Sei, sim.

— Sabes?!

— A branca dá o leite, e a preta dá o café.

— Estás ahí, Pedro?

— Estou sim, senhor.

— A fazer o quê?

— Nada.

— O José tambem ahí está?

— Sim, senhor — respondeu o José.

— E que estás a fazer?

— Estou a ajudar o Pedro.

— Bom; então quando acabarem tragam-me  
as botas.

— Já lhe tenho dito, Maria, que não quero  
que sirvam na cosinha as colheres de prata, e  
vossê está a mexer esse guisado com uma.

— É porque estava suja, aliás não me tinha  
servido d'ella, minha senhora.

Ha muitas criadinhas tão aciadadas como a se-  
nhora Maria.



## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

6.ª —

ROSA

ORAR

SARA

ARAR

7.ª, O pão. — 8.ª, Um baralho de cartas. — 9.ª, A nossa imagem n'um  
espelho. — 10.ª, Antoninho. — 11.ª, Felismina. — 12.ª, Sigralha. — 13.ª, Opa-  
do. — 14.ª, Sobrepeles.